

PROJETO DE LEI Nº , DE 2021

(Do Sr. CHICO D'ANGELO)

Instituí o Dia Nacional da Mulher Sambista.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional da Mulher Sambista, a ser celebrado anualmente, em todo o território nacional, no dia 13 de abril, data natalícia da cantora, compositora e instrumentista Yvonne Lara da Costa, a rainha e primeira-dama do samba Dona Ivone Lara.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

“Se o samba tivesse forma humana, seria a Dona Ivone Lara”, sentenciou Nelson Sargento.

Dona Ivone Lara nasceu no bairro carioca de Botafogo em 13 de abril de 1922. Vive sua infância em um ambiente doméstico que favorece seu contato com a música – a mãe cantora, o pai violinista e, mais tarde, as rodas de choro organizadas na casa de seu tio Dionísio Bento da Silva referenciam sua musicalidade. A tia Teresa participa desses eventos, cantando as cantigas dos escravos negros, os jongsos.

Após a morte do pai, muda-se com a mãe para a Tijuca. Estuda no internato Colégio Municipal Orsina da Fonseca e tem aulas de música erudita com Zaíra de Oliveira e Lucília Villa-Lobos, que a indica para o Orfeão dos Apiacás, da



Rádio Tupi, regido pelo maestro Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Dessas relações resulta a sofisticação melódica e harmônica de suas obras.

Sua sensibilidade musical manifesta-se aos 12 anos, quando compõe *Tié*, nome de um pássaro que lhe é dado de presente pelo tio Mestre Fuleiro. O nome *Tié* e a expressão moçambicana *oialá-oxa* inspiram esse primeiro trabalho, uma parceria com seus primos Fuleiro e Hélio.

Aos 17 anos, vai morar no subúrbio de Inhaúma com seu tio Dionísio, com quem aprende a tocar cavaquinho. Na ocasião, inscreve-se no concurso da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e, aprovada, passa a receber uma bolsa, que ajuda no sustento da casa. Já formada, em 1943, exerce a função de plantonista de emergência e, nas horas de folga, participa das rodas de choro organizadas na casa do tio, com a presença de Pixinguinha (1897-1973) e Jacob do Bandolim (1918-1969).

Em 1945, Ivone decide fazer um curso para se tornar assistente social. Logo que se forma, é contratada pelo Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, no qual permanece por 30 anos, até se aposentar. Especializa-se em terapia ocupacional e trabalha no Serviço Nacional de Doenças Mentais com a doutora Nise da Silveira (1905-1999), médica que revoluciona o tratamento psiquiátrico no Brasil. Sempre priorizando o trabalho de enfermeira, programa suas férias para fevereiro, para poder participar dos desfiles de Carnaval. Nesse período, frequenta a escola de samba Prazer da Serrinha, para a qual compõe, em 1947, *Nasci para Sofrer*, canção com que a escola desfila nesse ano.

Com o fim de Prazer da Serrinha, passa a frequentar a Império Serrano, escola para a qual compõe alguns sambas, mas sem perspectiva de se profissionalizar na música. É dessa época o samba *Não Me Pergunte*, com Mestre Fuleiro, considerado o hino da escola. Como suas músicas são constantemente entoadas nas rodas de samba do bairro Madureira, reduto da Império Serrano, ela ganha reconhecimento e passa a integrar a ala dos compositores, espaço até então restrito aos homens. A tradição das escolas reserva às mulheres o papel de pastora, cabendo a elas memorizar a letra e



entoá-la na quadra em meio à batucada. A sambista rompe essa barreira, mas leva consigo o timbre e a dicção do canto das pastoras.

Superando preconceitos para se lançar como compositora, é a primeira mulher a integrar a ala dos compositores da escola de samba, assinando, em 1965, com Bacalhau e Silas de Oliveira (1916-1972) *Os Cinco Bales da História do Rio*, samba-enredo da Império Serrano no Carnaval que comemora os 400 anos da cidade. Desde 1968, Ivone desfila na ala das baianas dessa escola.

Até o fim da década de 1960, a atuação artística de Ivone está restrita à comunidade carnavalesca, mas seu público ouvinte se amplia a partir de apresentações nas rodas de samba do teatro Opinião, que fica em Copacabana, Rio de Janeiro, frequentado pela intelectualidade e por artistas, como Nara Leão (1942-1989) e Carlos Lyra (1939).

Em 1970, adota o nome artístico de Dona Ivone Lara. Nesse ano, participa do disco *Sargentelli e O Sambão*, gravado ao vivo, com as faixas *Agradecem a Deus* e *Sem Cavaco Não*, ambas feitas em parceria com Mano Décio da Viola (1909-1984). A gravação de discos consolida a carreira de Dona Ivone Lara, que é identificada pela crítica, na década de 1970, como uma das melhores compositoras de samba do Brasil. Uma das características marcantes de seu trabalho é a melodia de seus sambas; as letras geralmente ficam por conta de parceiros.

Faz o primeiro show solo em 1974, na boate Monsieur Pujol, produzido pelos jornalistas e agitadores culturais cariocas Sérgio Cabral e Albino Pinheiro. Com Décio Carvalho (1939-2013), seu parceiro mais constante, compõe *Samba Minha Raiz* (1976), *Acreditar* (1976) e *Sonho meu* (1978).

Recebe por essa última composição, o prêmio Sharp de melhor música do ano. Em 1978, lança seu primeiro LP, *Samba, Minha Verdade, Samba Minha Raiz*. Ao longo da carreira, compôs mais de 300 canções e gravou cerca de 20 discos, tornando-se a maior compositora de samba de todos os tempos.

Grande parte das obras de Dona Ivone explicita a herança africana do samba de roda, do jongo e do partido-alto, como *Axé de Langa* (Pai Maior, 1980)

Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Chico D'Angelo

Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD210989047600>



e *Roda de Samba pra Salvador* (1982). Essas obras evocam o universo musical dos morros cariocas de sua infância, como ela relembra em *Axé de Langa*:

*Tia Teresa nos contava
a história do vovô
que tirava irmão do tronco
escondido do senhor
pra curar seus ferimentos
com o banho de abo
langa, langa que tipoilanga
didianga me...*

Essa vertente lhe vale o apelido de "Mãe de Angola", quando, na década de 1980, viaja pela África, em uma temporada de shows produzidos por Fernando Faro. Além da *África*, torna-se conhecida em outros continentes por ocasião da divulgação do LP *Ivone Lara*, gravado em 1985 pela Som Livre, com apresentação nos Estados Unidos, Japão e países europeus.

Ainda em vida, no carnaval de 2012, foi tema do enredo da Império Serrano – *Dona Ivone Lara: O enredo do meu samba*. Em 2016, a honraria veio do Palácio do Planalto, em Brasília (DF), na cerimônia da Ordem do Mérito Cultural, principal condecoração anual do governo brasileiro à área da cultura. Dona Ivone Lara morreu no dia 16 de abril de 2018. Seu corpo foi velado na quadra da escola de samba Império Serrano, em Madureira, e enterrado no Cemitério de Inhaúma.

Portanto, à instituição do Dia Nacional da Mulher Sambista tem a finalidade de dar visibilidade às mulheres sambistas, destacar o papel de protagonista e reconhecer a importância das mulheres na constituição deste gênero musical, uma das principais manifestações culturais populares brasileiras, originário do Rio de Janeiro, derivado do samba de roda, um tipo de dança de raízes africanas nascido na Bahia, região Nordeste do país. E a história desta construção musical, cultural, de resistência e de luta, que o samba representa, não seria a mesma sem as mulheres.

E a história do samba também foi construída por outras mulheres sambistas:

Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Chico D'Angelo

Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD210989047600>



Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, símbolo da resistência negra pós-abolição, foi a responsável por permitir que o samba fosse tocado sem a presença de repressão policial, no quintal de sua casa, na Praça Onze, mesmo local onde Donga compôs o primeiro samba gravado, “Pelo telefone”. Existem relatos que apontam que, por causa dos seus conhecimentos sobre ervas medicinais, ela teria ajudado a curar a doença do presidente da República na época e, como agradecimento, a polícia parou de reprimir o samba.

Clementina de Jesus da Silva, neta de pessoas que foram escravizadas, nasceu em 1901, na cidade de Valença, mas só aos 63 anos ganhou os palcos e revolucionou o samba. O estilo da sambista, também conhecida como Quelé, era o partido-alto, cantado em forma de desafio e de improviso. Partideira de mão cheia, Clementina de Jesus imprimiu em suas canções a luta contra a discriminação racial e o machismo, se tornando uma das maiores referências da música popular brasileira.

Jovelina Pérola Negra, cujo nome de batismo é Jovelina Farias Belfort, era considerada uma das herdeiras de Clementina de Jesus, mas, além de cantar o mais autêntico samba, era uma compositora do primeiro time no gênero. Integrante da escola de samba do Império Serrano, Jovelina gravou seu primeiro disco em 1985, aos 41 anos de idade. Gravou cinco LPs em apenas quatro anos, entre 1986 e 1989, e consagrou-se no mundo do samba enquanto cantora, compositora e exímia partideira.

Dorina, nome artístico de Adorina Guimarães Barros, é cantora, intérprete, sambista e radialista, tendo gravado oito álbuns, duas coletâneas e três DVDs.

Leci Brandão é cantora, compositora, atriz, política brasileira e umas das mais importantes intérpretes de samba da música popular brasileira. Começou sua carreira no início da década de 1970, tornando-se a primeira mulher a participar da ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira. Ao longo de sua carreira, Leci gravou 13 LP's, 8 CD's, 2 DVD's e 3 compactos, um total de 26 obras.



Teresa Cristina, compositora do samba da Renascer de Jacarepaguá, em 2015, foi a primeira mulher a ganhar o Estandarte de Ouro. Já gravou doze álbuns. Em 1998 começou a cantar no Bar Semente, na Lapa, tornando-se uma das responsáveis pela revitalização musical do bairro. O bar acabou batizando a banda que passou a acompanhá-la desde então. A partir daí, suas apresentações levam o nome de Teresa Cristina e Grupo Semente.

E em nome destas Mulheres no Samba, é que o presente projeto pretende usar a data de nascimento de Dona Ivone Lara para homenagear e reconhecer nacionalmente as sambistas, cantoras, intérpretes e compositoras do gênero.

Além disso, é uma meritória homenagem desta Casa de Leis a essa grande joia rara brasileira, que terá seu Centenário de nascimento celebrado no ano de 2022. Pelo exposto, rogo o apoio dos meus colegas Parlamentares, a fim de que aprovelem esta proposição.

Sala das Sessões, 12 julho de 2021.



Deputado **CHICO D'ÂNGELO**
(PDT-RJ)

